



Santra, uma conjectura de Aquiles Estaço: nota crítica a Suetônio, *De grammaticis et rhetoribus* 14.4

Santra, a Conjecture by Achilles Statius: a Critical Note on Suetonius' De grammaticis et rhetoribus 14.4

Gustavo Chaves Tavares

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

gustavochavestavares@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-7296-0752>

Resumo: O fragmento suetoniano *De grammaticis et rhetoribus* oferece à crítica não poucas ocasiões para debate. Redescoberto no século XV, o *codex Hersfeldensis* – manuscrito carolíngio atualmente perdido, datado presumivelmente entre os séculos IX-X – já apresentava um texto corrompido, a partir do qual derivam os apógrafos humanistas que deram origem à tradição manuscrita e impressa subsequente. Em face do estado lacunoso do texto, recorreu-se precocemente a conjecturas para sanar passagens problemáticas. Nesse contexto, destaca-se a contribuição do humanista português Aquiles Estaço (1524–1581), que publicou em Roma (1565) sua edição do *De grammaticis et rhetoribus*, acompanhada de breves observações filológicas. Sua conjectura para a passagem do *De grammaticis et rhetoribus* 14.4 – a saber, “Santra” – visava a corrigir uma passagem que continha o obscuro “satyra” (e suas variantes gráficas). A proposta de Estaço permaneceu negligenciada por quase três séculos, até ser retomada por Ludwig Preller em 1846. Pouco mais de duas décadas depois, emergiu o *codex W*, descrito pela primeira vez por J. Huemer (1878), o qual apresentava a lição *santya* – um indício indireto, porém favorável, à conjectura do humanista português. A presente nota crítica tem, nesse sentido, o objetivo de reconstituir, em suas linhas gerais, a recepção e a interpretação do *De grammaticis et rhetoribus* 14.4 de Suetônio.

Palavras-chave: Suetônio; Santra; *De grammaticis et rhetoribus*; recepção dos clássicos; crítica textual; conjectura; Aquiles Estaço.

Abstract: The Suetonian fragment *De grammaticis et rhetoribus* provides scholars with ample material for critical discussion. Rediscovered in the 15th century, the *codex Hersfeldensis* – a now-lost Carolingian minuscule manuscript from the 9th-10th centuries – already contained a corrupt text. All humanist apographs derive from this archetype, which underlies the subsequent manuscript tradition and printed editions. Given the text’s lacunose state, early critics attempted to supplement problematic readings through conjecture. In this context, the Portuguese humanist Aquiles Statius



(1524–1581) merits particular attention for his 1565 Roman edition of *De grammaticis et rhetoribus*, which includes brief philological observations with a substantial focus on textual criticism. One conjecture proposed by Statius for *De grammaticis et rhetoribus* 14.4 – namely “Santra” – aimed to resolve a passage containing the obscure *satyra* (and its graphic variants). This proposal remained overlooked for nearly three centuries, until it was revived by Ludwig Preller in 1846. Shortly thereafter, *codex W*, first described by J. Huemer in 1878, came to light, offering the reading *santya*, which provides indirect yet compelling support for Statius’ conjecture. This critical note therefore traces the reception history and interpretive trajectory of this passage in Suetonius’ *De grammaticis et rhetoribus* (14.4).

Keywords: Suetonius; Santra; *De grammaticis et rhetoribus*; classical reception; textual criticism; conjectural emendation; Achilles Statius.

1 O problema

Um leitor do século XIX que tivesse em mãos a obra de Suetônio na tradução de Philippe de Golbéry, a qual se publicava em 1833 acompanhada do texto latino, veria a seguinte interpretação ao *De grammaticis et rhetoribus* 14.4 (doravante *De gramm. et rhet.*): “Ses livres sur Lucilius sont approuvés par la satire même” (Golbéry, 1833, p. 253).¹ O tradutor francês, com efeito, verteu uma passagem do opúsculo de Suetônio que em sua edição apresentava o seguinte texto latino: “Hujus de Lucilio libros etiam satira comprobat” (Golbéry, 1833, p. 252).² Verdade é que a passagem em si não oferece qualquer dificuldade quanto à sintaxe, mas gerou certa perplexidade para a crítica, que se posicionou diversamente a respeito de sua interpretação.

O problema consistia na menção à “sátira” e em como o termo deveria ser entendido no contexto da notícia biográfica feita por Suetônio

¹ Tradução: “Os seus livros a respeito de Lucílio são aprovados pela própria sátira” (tradução própria). As traduções subsequentes, salvo indicação em contrário, são de inteira responsabilidade do autor e servem unicamente ao propósito prático de dar maior inteligibilidade às citações transcritas nos idiomas originais.

² A despeito de variantes gráficas, como no caso de *satyra* - *satura* - *satira*, essa é a lição presente em boa parte dos testemunhos. Pode-se ver abaixo a transcrição do texto seguida do aparato crítico, contendo as lições variantes dos respectivos manuscritos.



acerca do gramático *Curtius Nicia*.³ Joannes Schildius (1647, p. 829), em seu comentário ao *De gramm. et rhet.* pretendia ver no enunciado uma indicação de que Nícia teria sido ao mesmo tempo autor satírico e exegeta de Lucílio:

*Huius de Lucilio libros etiam satyra comprobat] Vulgatam sic tueor, ut intelligam etiam ex Satyra Niciae deprehendi potuisse, quod idem ille libros de Lucilio aliquot exarasset. In ea enim forte hunc ingenii sui fetum agnoverat, de cuius parente Tranquilli temporibus dubitabatur (Schildius, 1647, p. 829).*⁴

Diferente, porém, já havia sido o posicionamento de Isaac Casaubon (1610, p. 227), que, não vendo muito sentido no texto, fazia o seguinte comentário: “quid sibi haec verba velint, non facile dixerim”,⁵ sintetizando bem, aliás, um estado geral de dúvida não apenas em relação à passagem do *De gramm. et rhet.* 14.4, mas em relação a outros *loci* que no opúsculo ofereciam dificuldades de ordem textuais e para as quais se aventaram conjecturas as mais variadas pelos comentadores e editores do texto.

Diante do problema colocado, a presente nota crítica terá o seguinte esquema: (1) primeiramente traçar em linhas gerais, com seus principais marcos históricos, o percurso não linear por que passou a conjectura “Santra”, sugerida primeiramente já em 1565 pelo humanista lusitano Aquiles Estaço, contra a vulgata “satyra”; (2) em seguida, fazer o levantamento das fontes relacionadas à pessoa e à carreira de Santra, gramático latino.

2 Santra: da conjectura ao texto

Antes, porém, de delinear o histórico da conjectura “Santra” como proposta de correção à lição “satyra”, farei uma breve observação acerca do *stemma codicum* ao *De gramm. et rhet.* de Suetônio.

A partir da segunda metade do século XV, o fragmento suetoniano *De gramm. et rhet.* veio a ser novamente lido e comentado. Sua redescoberta

³ O cap. 14 do *De gramm. et rhet.* é dedicado a dados biográfico-anedóticos de Curtius Nicia.

⁴ Tradução: “Mantenho a lição comum, compreendendo que também pela sátira de Nícia se pudesse entender que ele mesmo teria escrito livros sobre Lucílio. De fato, nela se reconheceria aqui o fruto de seu trabalho, de cuja autoria duvidava-se à época de Suetônio” (tradução própria).

⁵ Tradução: “que sentido tenham essas palavras, eu não o direi com facilidade” (tradução própria).



e subsequente reavivamento, no entanto, devem-se a um único exemplar, contendo lacunas e corruptelas, o *codex Hersfeldensis*: um minúsculo carolíngio, hoje perdido, datado entre os séculos IX-X, que continha as obras menores de Tácito (*Germania*, *Agricola* e *Dialogus de Oratoribus*, nessa ordem) e o *De gramm. et rhet.* de Suetônio depois delas, e que se acredita esteja ainda hoje conservado em partes em um outro códice compósito.⁶ Foi desse arquétipo – o códice de Hersfeld –, que se derivou toda a tradição manuscrita conhecida do *De gramm. et rhet.*, tendo dois apógrafos como intermediários, os subarquétipos presumidos X e Y. Estes, por sua vez, teriam dado origem, cada qual, a um ramo da tradição textual.⁷

⁶ É o *codex Aesinas Latinus 8* da Biblioteca Balleani (atualmente catalogado como *Codex Vittorio Emanuele 1631* e conservado na Biblioteca Nacional Central de Roma, passível de consulta digital, Cf. Biblioteca Nazionale Centrale Di Roma, s. d., que apresenta um quaternião que teria constituído o terceiro caderno do códice de Hersfeld, e que teria sido incorporado ao atual entre os anos 1470-1474, ocupando os *folia* 56-63 com o texto do *Agricola* de Tácito desde ‘*munia*’ (13,1) até ‘*missum*’ (40,2) – cf. Magnaldi, 1997, p. 119; Vacher, 1993, *introd.* lxvi.

⁷ No que diz respeito à nomenclatura, desde a dissertação de Robinson (1920), a quem se deve o estudo minucioso dos então 19 manuscritos conhecidos e a elaboração do respectivo *stemma codicum*, os subarquétipos recebem a denominação de X e Y, que R. Kaster também adota em seu estudo de 1992 e na edição de 1995, mas que em sua recente edição de 2016, da *Bibliotheaca Classica Oxoniensis*, adequando-se à convenção de usar minúsculas gregas para apógrafos presumidos, redenomina-os α [=X] e β [=Y] (Kaster, 2016, *introd.* p. xlxi). Contudo, optei na presente nota crítica por usar das siglas já preconizadas por Robinson (1920).



Atualmente,⁸ contam-se 28 manuscritos (Kaster, 2016, *pref.* p. xlvi-xlix, n. 76), além de cinco *incunabula* (Salazar, 2014, p. 201-202).⁹

⁸ Roth (1858, *praef.* p. lii) menciona em sua época o conhecimento de 15 códices: “*Libelli de Grammaticis et rhetoribus codices scripti, quantum ego comperi, universi reperiuntur numero XV*”. Já no primeiro quarto do século XX, Robinson (1920, *passim*) faz o repertório de 19 manuscritos contendo o texto do *De gramm. et rhet.*, dando a eles em sua dissertação uma minuciosa recensão e colação, além do *stemma* ainda hoje, com leves alterações, aceito pela crítica. Brugnoli (1972, p. xx-xxviii), em sua primeira edição de 1960 (*iterum* 1963, *tertium* 1972) descrevia outros quatro manuscritos até então inéditos, os códices *Vaticanus Latinus* 7190, ‘T’; *Vaticanus Borgianus Latinus* 413, ‘E’; *Vaticanus Ottobonianus Latinus* 1434, ‘A’; *Vaticanus Ottobonianus Latinus* 3015, ‘Z’. Marvin Colker (1983, p. 165-169) descreve outros dois manuscritos inéditos, chamando-os ‘J’ (nº 58 no *Catalogue of Medieval & Renaissance Manuscripts of the University of Notre Dame* – Notre Dame, Indiana, 1978) e ‘R’ (nº 11 na biblioteca de M. L. Colker em Charlottesville, Virginia). Outros três códices são inventariados por Kaster em sua edição de 2016, p. 426: (1) *Mediol. Archiv. di Stat. Galletti* 16 (an. 1477); (2) *Flor. Medic. Laur. Redi* 116; (3) *Flor. Bibl. Riccard.* 3595.

⁹ Ao que parece, a edição conhecida desde Roth (1858, *praef.* p. liii) como *Editio Incerta* não se conservou (Salazar, 2014, p. 201). Essa teria sido a edição *princeps*, referida por Robinson em sua dissertação (1920, p. 35), que põe sua publicação pelo ano de 1471 em Veneza, por Nicolau Jenson: “*EDITIO INCERTA, quam secundum Rothium nomino, sine urbe anno typographi nomine, foliorum quaternariorum minorum XV, uersiculorum uicenorum quaternorum [...]. Venetiis ex officina Nicolai Jenson circiter anno 1471 prodisse dicitur*” (Robinson, 1920, p. 35). A atribuição de ano e tipógrafo parece ter origem com J. C. Brunet (1864, col. 585), que afirma tê-la visto: “*Nous avons vu une autre édition, pet. in -4, du même opuscule, imprimée avec les caractères employés par Nic. Jenson dans le **Luctus christianorum**, en 1471; elle consiste également en 16 ff., dont le dernier est blanc; mais les pages n'on que 24 lignes, et l'on n'y trouve pas la préface de Tuscanus. Le premier f. commence au recto, par ces quatre lignes en capitales: **Suetonii Tranquilli de/grammaticis et rhetori-/bus clarissimis libellus, / foeliciter incipit.** Le texte finit avec la 24^e ligne du 15^e feuillet verso. Vend. 56 fr. D'Curches*” – cf. também a esse propósito: Salazar (2014, p. 201). Além da *Editio Incerta*, os demais *incunabula* são os seguintes: (a.) *ed. Patavina*, publicada em Pádua no ano 1473 (ou 1476), por Bartholomeo de Valdezoccho e Martino de Septem Arboribus (Kaster, 2016, *preface* p. xl ix; Salazar, 2014, p. 202); (b.) *ed. Veneta*, em Veneza no ano de 1474, por Bartolomeo da Cremona e Bartolomeo di Carlo Vercellese (essa edição, além do *De gramm. et rhet.*, contém outras obras: *Modesti De re militari, De magistratibus urbis, De sacerdotiis, De legibus*); (c.) *ed. Romana*, em Roma, antes do dia 15 de Janeiro de 1477 (Salazar, 2014, p. 202), ou em 1475 (Brugnoli, 1972, p. xxxi): o texto é precedido de uma carta-prefácio de Aloisius Tuscanus; (d.) *ed. Florentina*, em 1478, por Sancto Jacobo de Ripoli; (e.) *ed. Veneta altera*, em Veneza entre os anos de 1498-1500, por Bernardino Veneto de Vitalibus, contendo também o *De re coquinaria* de Apício (Salazar, 2014, p. 202).



Dentre os testemunhos manuscritos, dois deles – os códices **O** e **W**¹⁰ – pertencem à família **X**, e os demais testemunhos distribuem-se entre as subfamílias α , β e γ de **Y**. O nexo entre as subfamílias de **Y** foi revisto por Kaster (1992, p. 12-14), que demonstrou com base nos *errores disiunctivi* que haveria dependência de α e γ da parte de um subarquétipo comum, chamado então por ele de Γ .¹¹

No que diz respeito ao estado de como o texto do *De gramm. et rhet.* 14.4 se apresenta entre os testemunhos, farei aqui na sequência, em forma de aparato crítico,¹² um breve apanhado das lições variantes

¹⁰ Ambos considerados testemunhos de ótima qualidade: ‘W’ = *Vindobonensis Lat. 711, ser. nov. 2960*, produzido em Roma em 1466 por Hugo Hämste, secretário do bispo de Trento, conforme consta da *subscriptio*; ‘O’ = *Vaticanus Ottobonianus Lat. 1455*, pouco anterior a W (cf. Magnaldi, 1997, p. 121; Robinson, 1920, p. 29-30; Vacher, 1993, *introd.* p. lxviii-lxix). Tive acesso a ambos: a ‘W’ através de uma colação feita por Huemer (1878); a ‘O’ mediante uma digitalização gratuitamente acessível pelo endereço eletrônico da Biblioteca Vaticana (DVL – DigiVatLib), cf. Digital Vatican Library, s. d.

¹¹ A esse respeito, Kaster (1992): “*The families α and γ in the stemma of Suetonius should be referred to a common ancestor mediating between themselves and Y [...]. To avoid the proliferation of sigla, I will call this hyparchetype Γ* ” (Kaster, 1992, p. 14). Robinson (1920, p. 182-185) já sinalizava em sua dissertação esse possível nexo entre as subfamílias α e γ : “*Quaedam affinitas inter stirpes α et γ quaestionem prouocat, num artius uinculum inter has duas stirpes quam inter α et β aut inter β et γ statuendum sit*” (Robinson, 1920, p.182); e mais à frente: “*Si codices α et γ non ex ipso Y sed e quodam eius apographo deperdito fluxisse censemus, non omnia ad liquidum perducuntur*” (Robinson, 1920, p. 185).

¹² Para demonstrar a diversidade de lições, este aparato tem a intenção de ser tanto analítico e complessivo – mas não exaustivo – do quanto pude recolher das indicações nos aparatos das edições críticas de Brugnoli (1972), Kaster (1995; 2016), Reifferscheid (1860) e Vacher (1993), da dissertação e edição crítica de Robinson (1920; 1925), do estudo crítico de Kaster (1992), bem como das digitalizações na íntegra de oito manuscritos que eu mesmo estive em condições de avaliar, e que foram os seguintes: pela Biblioteca Digital Vaticana (DVL), os *cod. Vaticanus Ottobonianus lat. 1455* (O), *cod. Vaticanus lat. 4498* (Δ), *cod. Vaticanus Vrbinas lat. 1194* (U), *cod. Vaticanus lat. 1518* (I), *cod. Vaticanus lat. 1862* (V), *cod. Vaticanus lat. 7190* (T); pela Biblioteca Digital de Leiden (Leiden University Libraries) e por uma reprodução fototípica (Wissowa, 1907), o *cod. Leidensis XVIII Perizonianus Q. 21* (L); pela Biblioteca Nacional da França (BNF) ‘Gallica’, o *cod. Parisinus lat. 7773* (P). Quanto aos *cod. Vindobonensis Lat. 711, ser. nov. 2960* (W), *cod. Florentinus Laurentianus Gaddianus plur. 89 inf. 8/1* (F) e *cod. Marcianus Class. XIII 1 mss. lat. coll. 4266* (M), foi-me possível acessá-los mediante colações: a de W foi realizada por Huemer (1878); as de F e M, por Gino Funaioli (1909), conforme consta da bibliografia.



presentes nos manuscritos, para, em seguida, discutir a respeito da conjectura efetuada sobre a lição “satyra” (e variantes gráficas) – N.B.: com a sigla ω, entenda-se o *consenso dos códices*, exceto os nomeados.

< huius de Lucilio libros etiam satyra comprobat >
de Lucilio ω: de Lucillo U || libros etiam N G M² H: -bro
sed iam O W: -bro etiam B: -bros esse U: libertos etiam M¹
|| satyra O W² G D L M K Δ F E: satura N I V H U C T:
satira B Q: santya W¹

A despeito da diferente apresentação testemunhal nos detalhes, os impressos passaram a trazer o texto tal como o lema apenas transrito, isto é: “huius de Lucilio libros etiam satyra comprobat” – exceção feita às variantes gráficas *satyra/satira/satura*, também alternantes na tradição impressa. O fato fez com que Friedrich Osann, pela metade do século XIX, manifestasse sua surpresa em relação aos editores, que, aceitando até então um texto obscuro, teriam negligenciado¹³ a solução que Aquiles Estaço já propunha em 1565, nas *adnotationes* à sua edição do *De gramm. et rhet.* – notas, aliás, frequentemente reproduzidas em edições subsequentes como parte integrante da miscelânea crítica.¹⁴ Com efeito, o humanista lusitano parece ter sido, segundo consta, o primeiro a conjecturar a lição *Santra contra a vulgata satyra* (e variantes: *satura/satira*). Assim se manifestava Estaço em seu comentário ao *De gramm. et rhet.* 14.4:

Huius de Lucilio libros etiam satyra comprobat] Mendose, opinor, sic legitur. Emendabam ‘eiusdem Lucili libros etiam satyra comprobat’, vel ‘huius de Lucilio libros etiam Santra comprobat’. Santræ Quintilianus, et Nonius Marcellus in verbo ‘Bacchari’ meminerunt (Estaço, 1565, fol. 10^r).¹⁵

¹³ São estas as palavras de Osann (1854, p. 68): “Eandem lectionem a subsecutis usque ad hunc diem editoribus damnanda socordia neglectam resuscitavit Prellerus”.

¹⁴ Como, por exemplo, nas edições de Graevius (1691) e Burmann (1736), que reproduziam na íntegra ou em parte a série de observações e comentários de seus predecessores à obra de Suetônio.

¹⁵ Tradução: “Sou da opinião de que o texto esteja corrompido. Proponho assim emendá-lo: ‘eiusdem Lucili libros etiam satyra comprobat, ou huius de Lucilio libros etiam Santra comprobat. Santra é lembrado por Quintiliano, e por Nônio Marcelo no verbete Bacchari’” (tradução própria). A respeito da referência de Quintiliano e Nônio Marcelo a Santra, veja-se abaixo no terceiro capítulo da presente nota crítica.

A conjectura de Estaço ficou sem acolhida da parte dos editores por cerca de três séculos, até que foi novamente mencionada em um artigo de Ludwig Preller em 1846: “Parece-me não haver dúvida de que em *satira* está oculto um nome próprio, e precisamente o de *Santra*” (Preller, 1846, p. 42).¹⁶ A Preller, subsequentemente, seguiram Osann (1854), Roth (1858) e Reifferscheid (1860) no texto de suas respectivas edições. Acontece que, pouco tempo depois, vinha à luz um documento que, embora não definitivo, dava um indício favorável à conjectura de Estaço. De fato, em 1878, J. Huemer descrevia pela primeira vez o *codex Vindobonensis Lat. 711, ser. nov. 2960* – o código W –, que oferece como primeira mão do copista a lição *santya*,¹⁷ que viria a ser corruptela de *Santra*, presumivelmente já veiculada na lição do arquétipo. A esse respeito, Robinson (1920, p. 69 e 76) argumenta que a passagem de *Santra* para *santya* ter-se-ia dado por erro gráfico – uma troca de <r> por <y> –, e que uma dupla lição *santya-satyra* já poderia ter figurado no próprio código de Hersfeld.¹⁸

Aceita, portanto, a plausibilidade da conjectura de Aquiles Estaço, e com o respaldo indireto, mas sem dúvida significativo, do testemunho do código W, resta transcrever a passagem do *De gramm. et rhet.* em questão, de modo que se possa apreciar o texto restituído tal

¹⁶ Tradução própria. Texto original: “Es scheint mir kein Zweifel, dass in dem Satira ein Eigename steckt und zwar der des *Santra*” (Preller, 1846, p. 42). A mesma nota de Preller foi republicada sem alterações em 1864: PRELLER, L. Vermischte Bemerkungen. In: PRELLER, L. Ausgewählte Aufsätze aus dem Gebiete der classischen Alterthumswissenschaft. Org. Reinhold Köhler. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1864. p. 377-378. Cf. a esse respeito: Osann, 1854, p. 68; Robinson, 1920, p. 76. No entanto, é curioso notar como Preller, em sua nota, não faz qualquer menção a Aquiles Estaço.

¹⁷ Uma segunda mão corrigiu a lição ‘*santya*’ escrevendo acima dela ‘*satyra*’ (Huemer, 1878, p. 808).

¹⁸ Transcrevo as palavras de Robinson: “Stati coniectura praeter omnem dubitationem codicis W testimonio confirmatur; nam quo modo dubitari possit quin duplex lectio *santya* : *satyra* in Hersfeldensi libro extaret non video” (Robinson, 1920, p. 76). E igualmente: “W, *santya/satyra* exhibens, non solum genuinam lectionem *Santra* confirmat, sed etiam in ipso vitio fidelior est quam ei libri qui *satura* exhibent, cum *santra* non in *satura* sed in *satyra* propter litteras r et y inter se confusas corrupti debebat” (Robinson, 1920, p. 69, nota 77). Aliás, a respeito da tipologia das confusões gráficas em minúsculos carolíngios, incluindo a confusão entre <r> e <y>, cf. Havet, 1911, p. 162-66.



qual se propõe desde meados do séc. XIX com o particular da conjectura “Santra”. Reproduzo abaixo o texto de Kaster (2016), omitindo apenas as citações que, no capítulo, Suetônio fazia a duas passagens das cartas de Cícero,¹⁹ nas quais figuram menções ao gramático Curtius Nicia, “cujos livros a respeito de Lucílio recebem de *Santra* um juízo favorável” (*De gramm. et rhet.* 14.4, tradução própria):

Curtius Nicia adhaesit Cn. Pompeio et C. Memmio, sed cum codicillo Memmi ad Pompei uxorem de stupro pertulisset, proditus ab ea, Pompeium offendit, domoque ei interdictum est. Fuit et M. Ciceronis familiaris, in cuius epistula ad Dolabellam haec de eo legimus: [...]. Item ad Atticum: [...]. Huius de Lucilio libros etiam *Santra* comprobat. (Suetônio, *De gramm. et rhet.* 14.1-4 apud Kaster, 2016).²⁰

3 Santra: os testemunhos sobre a pessoa

Santra é uma personalidade conhecida apenas por testemunhos indiretos. Farei aqui, portanto, um apanhado das referências que se fazem dele, a partir das quais (embora poucas e lacunosas) se pode presumir algo a respeito do seu *floruit*, dos seus estudos e da sua nação.

Jerônimo o menciona como alguém que também escrevera *Vidas de Homens Ilustres*. Ao enumerar autores desse gênero, tanto gregos quanto latinos, ele o coloca entre Varrão e Cornélio Nepos, de tal modo que alguns críticos²¹ opinem que Santra tenha sido um tanto mais jovem que Varrão. Eis as palavras de Jerônimo na carta-prefácio ao seu *De viris illustribus*:

¹⁹ Os trechos citados por Suetônio correspondem a: Cic. *ad Fam.* xi 10,1 e *ad Att.* xii 26, 2.

²⁰ Tradução: “Cúrcio Nícia estabeleceu fortes laços com Pompeu e Gaio Mêmio. Aconteceu-lhe, porém, que depois de ter entregado à esposa de Pompeu uma proposta de adultério da parte de Mêmio, ela o denunciou ao marido, o qual considerando a ofensa proibiu Nícia de frequentar sua casa. Nícia foi também amigo de Cícero. Na carta que este endereçou a Dolabela, lemos o seguinte: [...]. E também a Ático: [...]. Dele são os livros a respeito de Lucílio, que recebem de *Santra* um juízo favorável” (tradução própria, com as omissões que correspondem às transcrições de Suetônio às passagens ciceronianas assinaladas na nota anterior).

²¹ Tal é o parecer de Funaioli (1907 *test.* 2, p. 384): “*Varroni Cincio Niciae Santra aetate suppar fuit, sed omnibus iunior; quem post a. 700/54 clarum extitisse Buecheler constituit*”. Igualmente, Bardon (1952, p. 297): “*Contemporain de Varron, il [Santra]*



Hortaris, Dexter, ut Tranquillum sequens ecclesiasticos scriptores in ordinem digeram et, quod ille in enumerandis gentilium litterarum viris fecit inlustribus, ego in nostris hoc faciam [...]. Fecerunt quidem hoc idem apud Graecos Hermippus peripateticus, Antigonus Carystius, Satyrus doctus vir, et longe omnium doctissimus Aristoxenus musicus. Apud Latinos autem Varro Santra Nepos Hyginus et ad cuius nos exemplum provocas Tranquillus (Jerônimo, *De viris illustribus* praef. ad Dextrum *sub init.*, ed. Herding. 1879).²²

Além de autor de *Vidas*, Santra ter-se-ia dedicado aos estudos gramaticais, com interesse em etimologia, o que se presume a partir de algumas passagens em que Festo,²³ Nônio Marcelo²⁴ e os *Scholia Veronensis*²⁵ mencionam sua obra intitulada *De Antiquitate verborum*. Quanto ao caráter de seus estudos etimológicos, o gramático Terêncio Escauro (Keil 7, 20,4) faz a seguinte observação:

Et ‘pulchrum’ quamvis in consuetudine aspiretur, nihilo minus tamen ratio exiliter et enuntiandum et scribendum esse persuadet, ne una omnino dictio adversus Latini sermonis naturam media

semble un peu plus jeune que lui: Saint Jérôme le mentionne entre Varron et Cornélius Népos". Também Mariarosaria Pugliarello (2025) diz a esse respeito: "Il passo di Girolamo è il principale indizio per la collocazione cronologica di Santra, che nella successione dei biografi appare menzionato fra Varrone e Cornelio Nepote, inserito quindi in un contesto culturale e letterario ben preciso".

²² Tradução: "Você, Dexter, me exorta a que, seguindo [Suetônio] Tranquilo, eu ponha em ordem os escritores eclesiásticos e que faça com os nossos tal como ele ao enumerar os homens ilustres das letras pagãs. [...] O mesmo fizeram, entre os Gregos, o peripatético Antígonos Carístico, o douto Sátiro, e o músico Aristóxeno, homem de singular doutrina; entre os latinos, por sua vez, Varrão, Santra, Nepos e Higino, sem falar de Tranquilo, cujo exemplo você me chama a seguir" (tradução própria).

²³ Festus *De Verborum Significatu* (ed. Lindsay, Teubner 1913): p. 59, 17; 174, 20; 176, 3; 212, 14; 302, 17; 308, 22; 342, 20; 446, 7.

²⁴ Nonius Marcellus *De Compendiosa Doctrina* (ed. Mazzacane, 2014, p. 300, 182).

²⁵ *Scholia Veronensis* (ed. Funaioli GRFF, Teubner, 1907): *ad Aen. 2,171* (6 GRFF, p. 386); *ad Aen. 5,9* (3 GRFF, p. 385).



aspiretur. quamvis Santra a Graecis putet esse translatum quasi ‘polichrum’ (Terentius Scaurus, ed. Keil 7, 20,4).²⁶

Nesse mesmo sentido também é o testemunho de Aulo Gélio (*Noct. Att.* vii [vi] 15, 1-5), que relata o caso de dois conhecidos seus, ambos interessados nos estudos filológicos da época. Discordavam, porém, a respeito da quantidade vocálica do “e” temático em *quiesco*. Um deles (*amicus noster... noster...*), contrário à doutrina dos analogistas, independente de qual poderia ter sido a esse respeito o parecer de um Élio, Cíncio ou *Santra* – autoridades por antonomásia em matéria de língua – não se atreveria a subverter o correto uso da língua latina (*Latinae linguae consuetudinem*), mormente quando a etimologia poderia falar a favor da prosódia a ser seguida. Com efeito, segundo essa personagem, em *quiesco* haveria um -ě-, não se devendo, portanto, pronunciá-lo longo (*docuit ‘quiesco’ ‘e’ littera longa dici non convenire*):

Amicus noster [...] verbum ‘quiescit’ usitate ‘e’ littera correpta dixit [...]. Noster autem, qua est rerum omnium verecunda mediocritate, ne si Aelii quidem, Cincii et Santrae dicendum ita censuissent, obsecuturum se fuisse ait contra perpetuam Latinae linguae consuetudinem, neque se tam insignite locuturum, ut absona inauditaque diceret; [...] Graecaeque vocis et modum et originem verbum istud habere demonstravit rationibusque haut sane frigidis docuit ‘quiesco’ ‘e’ littera longa dici non convenire (Aulo Gélio, *Noctes Atticae* vii [vi] 15,1-6, ed. Hosius, 1959).²⁷

²⁶ Tradução: “Quanto a *pulchrum*, embora seja de uso aspirá-lo, o bom senso diz que deve ser levemente pronunciado e escrito, para que nenhum som mediano apresente aspiração contra a natureza da língua latina. Contudo, Santra considera a palavra derivada do grego, como se fosse *polichrum*” (tradução própria).

²⁷ Tradução: “Nosso amigo tinha o hábito de pronunciar o verbo ‘quiescit’ com ‘e’ breve [...]. Ele, com efeito, como é de natural ponderação em tudo, negava-se a seguir qualquer preceito contra o íntegro uso da língua latina nem se prestaria a tão marcadamente falar o que se lhe destoasse, fosse quiçá preconizado pelos Élios ou Cíncios ou Santras; [...] outrossim demonstrou que esse verbo tem na verdade origem grega, dando boas razões de que ‘quiesco’ não deva ser pronunciado com ‘e’ longo” (tradução própria).



A Santra também se atribui o interesse pelo estudo da retórica, pois, segundo o testemunho de Quintiliano (*Inst. Or.* xii 10,16), ele teria discutido sobre a diferença que haveria entre os oradores áticos e asiáticos:²⁸

Et antiqua quidem illa divisio inter Atticos atque Asianos fuit, cum hi pressi et integri, contra inflati illi et inanes haberentur, in his nihil superflueret, illis iudicium maxime ac modus deesset. Quod quidam, quorum et Santra est, hoc putant accidisse, quod paulatim sermone Graeco in proximas Asiae civitates influente nondum satis periti loquendi facundiam concupierint, ideoque ea quae proprie signari poterant circumitu cooperint enuntiare ac deinde in eo perseverarint (Quintiliano, *Inst. Or.* xii 10,16, ed. Radermacher, 1965).²⁹

Santra é tido como crítico de poetas. O próprio Suetônio o refere na *Vita Terenti* (ed. Reiferscheid, 1860), a propósito de sua apreciação sobre a obra de Terêncio:

Santra Terentium existimat, si modo in scribendo adiutoribus indiguerit, non tam Scipione et Laelio uti potuisse, qui tunc adulescentuli fuerunt, quam C. Sulpicio Gallo, homine docto et cuius consularibus ludis initium fabularum dandarum fecerit, vel Q. Fabio Labeone et M. Popillio, consulari utroque ac poeta; ideo ipsum non iuvenes designare qui se adiuvare dicantur, sed viros quorum operam et in bello et in

²⁸ Segundo Mariarosaria Pugliarello (2025), o que se atribui a Santra com relação à diferença entre essas escolas de retórica poderia ser, na verdade, atribuído à parte da sua obra em que ele trataria especialmente das vidas de retores: “Anche le considerazioni sull’oratoria asiana potrebbero appartenere a un testo biografico, forse in questo caso dedicato ai retori” (Pugliarello, 2025).

²⁹ Tradução: “Tem-se aquela antiga divisão entre áticos e asianos, na qual os primeiros são tidos como moderados e diretos; os segundos, como empolados e vazios; naqueles nada está em excesso; nestes não há modo nem ponderação. Alguns pensam – entre os quais Santra – que a causa dessa diferença se tenha dado com a influência paulatina do grego sobre as populações adjacentes da Ásia, as quais, ainda não dominando o uso da língua grega, teriam mesmo assim desejado exercer a faculdade da fala, de início não tendo sido capazes de se expressar senão por meio de circunlocuções, obtendo daí esse hábito” (tradução própria).



ocio et in negotio populus sit expertus (Suetônio, *De Poetis: Vita Terenti* ed. Reiferscheid, 1860, p. 31-2).³⁰

Além de crítico, teria sido ele mesmo poeta. Marcial³¹ tê-lo-ia chamado de *salebrosus* (“difícil”, “áspero”) em um de seus epigramas. Eis o dístico correspondente: “Lectores tetrici salebrosum ediscite Santram: / Nil mihi vobiscum est: iste liber meus est” (Marcial xi 2, 7-8).³²

Santra teria sido, outrossim, poeta trágico, possivelmente o introdutor do trímetro jâmbico helenizante na versificação dramática latina em lugar do senário até então em voga. Jean Soubiran (1984, p. 83) observa o fato de que, no século I a.C., efetuou-se na tragédia romana a passagem do senário jâmbico para o trímetro helenizante, caracterizado por ter o II e o IV pés obrigatoriamente puros. Soubiran, então, continua:

Ao passo que Ácio (morto em 86, aproximadamente) e Júlio César Estrabo (morto em 87) praticam ainda o senário, e que Cícero os segue nesse sentido quando traduz, em 45-44, algumas passagens dos Trágicos gregos, o erudito Santra (contemporâneo de Cícero e de Varrão) é o primeiro a aderir à técnica do trímetro helenizante. Depois dele, talvez Asínio Polião e, em todo caso, Vário (*Thyestes* em 29 a.C.), Ovídio (*Medea* em 12 a.C.) e Graco (citado junto a Vário por Ovídio, *Pont.* iv, 16, 31) vão-se ajustar às mesmas exigências que

³⁰ Tradução: “Santra opinava que Terêncio, se é verdade que teria precisado de ajuda ao escrever, não poderia ter-se valido nem de Cipião e Lélio (que então eram mais jovens), nem de Gaio Sulpício Galo, homem culto, e que iniciara a apresentação de peças teatrais nos jogos consulares, nem mesmo de Quinto Fábio Labeão e Marco Popílio, ambos consulares e poetas. Por essa razão, o próprio Terêncio não teria designado de jovens aos que eram ditos seus auxiliadores, mas sim de homens, cujo trabalho o povo já havia testemunhado tanto na guerra quanto no ócio ou no negócio” (tradução própria).

³¹ Marcial cita o mesmo nome (*Santra*) em outras duas passagens (Mart. vi 39,7: *Subolem fatetur esse se coci Santræ*; vii 20,1: *Nihil est miserius neque gulosius Santra*), mas, segundo Mariarosaria Pugliarello (2025), não se trataria da mesma pessoa: “Lo stesso nome, Santra, ricorre ancora in Marziale, ma non sembra esservi alcun riferimento all'autore *salebrosus*” (Pugliarello, 2025).

³² Tradução: “Leitores severos, aprendam o intratável (*salebrosus*) Santra. / Não tenho nada para tratar com vocês. Esse livro é meu” (tradução própria).



passarão a reger também, como se sabe, o trímetro de Sêneca (Soubiran, 1984, p. 83, tradução própria).³³

Demonstram essa sua atividade de poeta trágico as seguintes passagens em que Nônio Marcelo cita versos³⁴ atribuídos a ele (os fragmentos citados estão em trímetro jâmbico):³⁵

Nam et quidquid vehementius commovetur, BACCHARI voluerunt.
Santra Nuntiis Bacchi<i>s:

ita obpletum sono

furenter ab omni parte bacchatur nemus.

(Nonius Marcellus *De Compendiosa Doctrina* 135,6. ed. Mazzacane 2014).³⁶

EXPERGO pro expergefacio: [...] Santra Nuntiis Bacchiis
exemplo excita evadit quie
genetrix et omnis vocis expergit sono.

³³ Texto original: “tandis qu’Accius (mort vers 86) et Julius César Strabon (mort en 87) pratiquent encore le sénaire, tandis que Cicéron les suit dans cette voie lorsqu’il traduit, en 45-44, quelques passages des Tragiques grecs, l’érudit Santra, contemporain du même Cicéron et de Varron, est le premier à s’astreindre à la technique du trimètre hellénisant. Après lui, Asinius Pollion peut-être, en tout cas Varius (*Thyeste* en 29 av. J.C), Ovide (*Médée* en 12 av. J.C.) et Gracchus (cité avec Varius par Ovide, **Pont.**, IV, 16, 31) se plieront aux mêmes exigences, qui régiront aussi, on le sait, le trimètre de Sénèque” (Soubiran, 1984, p. 83).

³⁴ Seriam obras de argumento euripidiano, conforme salienta Mariarosaria Pugliarello (2025).

³⁵ Um outro fragmento trágico, segundo Soubiran (1984, p. 92), poderia ser atribuído a Santra. O fragmento é citado por Carísio (ed. Keil I, 241), que o atribui a Ênio: “Ennius in Athamante” (*apud* Soubiran, 1984, p. 83). Soubiran, porém, após uma análise métrica, estilística e temática do fragmento trágico, em que se constata sua maior afinidade em termos de técnica com o trímetro helenizante, levanta como hipótese de trabalho a possibilidade de ele pertencer a Santra – em todo caso, a um poeta contemporâneo dos últimos anos de Cícero, quando o trímetro helenizante começava a ser adotado entre os poetas trágicos romanos.

³⁶ Tradução: “E tudo que se agita com grande veemência, disseram pelo verbo ‘bacchari’ [entrar em êxtase báquico]. Como Santra nos *Nuntii Bacchii*: ‘assim o bosque reverberante se enche de furor de toda parte’” (tradução própria).



(Nonius Marcellus *De Compendiosa Doctrina* 182,21. ed. Mazzacane 2014).³⁷

Até o momento, foi feito um apanhado das referências existentes a respeito da carreira e dos estudos de Santra. Resta, agora, delinear as hipóteses que se levantaram quanto à sua origem.

Duas propostas, em particular, recebem na crítica algum relevo: (1) uma origem *africana*, e (2) uma origem *etrusca*. Darei abaixo breves indicações de cada uma.

Ludwig Mercklin – como o refere Mariarosaria Pugliarello (2025) – defendia que Santra teria sido de origem *africana*, apoiado no fato de que Marcial (vi 39,6-7) menciona o filho de um certo cozinheiro Santra, originário da Mauritânia: “hic qui retorto crine Maurus incedit / subolem fatetur esse coci Santræ”.³⁸ Além disso, segundo Suetônio (*Vita Terenti*, ed. Reifferscheid, 1860, p. 31-2), Santra tinha grande consideração pelo poeta Terêncio, que, por sua vez, era de origem africana. Isso, continua Pugliarello (2025, tradução própria), “seria uma prova a favor de sua *Africitas*”,³⁹ não sendo, no entanto, uma prova cabal.

Uma origem *etrusca* para Santra é levantada em razão de seu nome.⁴⁰ Assim observa Funaioli (1907): “Santra não é comumente considerado de origem itálica [...], parecendo mais que seja um nome Etrusco” (Funaioli, 1907, p. 384, tradução própria).⁴¹ Em sua afirmação, Funaioli remete a Schulze (1904), o qual dizia: “Além de *Santernius* *Santurnius*, temos *San-tra*, cuja formação parece ser esclarecida pelos gentilícios etruscos *śectra θactra*. São, pois, *śan-* *sec-* *θac-* as raízes onomásticas de base” (Schulze, 1904, p. 341, tradução própria).⁴²

³⁷ Tradução: “*expergo* em lugar de *expergefacio*. Santra, nos *Nuntii Bacchii*: ‘de repente, a mãe, despertada do sono, foi-se e acordou a todos com o som da voz’” (tradução própria).

³⁸ Tradução: “Esse mauro, que anda com o cabelo frisado, diz ser cria do cozinheiro Santra” (tradução própria).

³⁹ Texto original: “sarebbe una prova a favore dell’*Africitas*” (Pugliarello, 2025).

⁴⁰ Bardon, 1952, p. 297; Funaioli, 1907, p. 384; Schulze, 1904, p. 342; Pugliarello, 2025.

⁴¹ Texto original: “*Santra et propter nomen Italus vulgo non habetur [...] Santra nomen Etruscum esse videtur*” (Funaioli, 1907, p. 384).

⁴² Texto original: “*Neben Santernius Santurnius haben wir San-tra, dessen Bildungsweise durch die etruskischen Gentilicia śectra θactra aufgehellt zu werden*



Watmough (1992), por sua vez, observa que a terminação *-tra* em Etrusco pode ser classificada em dois grupos: uma que grafa com *-tra* os nomes de origem grega em *-δρα*; e outra que se refere aos gentilícios etruscos em *-ra* formados de nomes de indivíduos em *-t(V)*:

Podemos explicar facilmente a terminação *-tra* dentro de dois grupos de palavras etruscas: 1. nomes gregos em *-δρα*, que são escritos em etrusco com *-tra*, por exemplo: *Evávδρα* > *evantra*, *Kασσάνδρα* > *caṣṭra*, *caṣṭra*, *caṣṭra* [...]; 2. gentilícios etruscos em *-ra* formados a partir de nomes de indivíduos em *-t(V)*, por exemplo: *θvetra-l* (gen.), *θactra*, *śetra* (Watmough, 1992, p. 307, tradução própria).⁴³

Tanto a hipótese de uma origem africana quanto aquela de uma origem etrusca para Santra, segundo Pugliarello (2025), não são definitivas, carecendo de dados objetivos que as corroborem. Inclusive, segundo ela, “não se pode nem mesmo excluir uma proveniência do Oriente” (Pugliarello, 2025, tradução própria),⁴⁴ para a qual, no entanto, a autora não oferece qualquer argumentação.

4 Considerações finais

Diante de uma tradição textual em que as fontes se apresentam com graus variados de erro – mas que, em princípio, sempre apresentam variantes condicionadas por erros voluntários ou involuntários no processo de cópia (Havet, 1911, p. 12) –, a conjectura passa a ser caminho necessário para restabelecer, mediante critérios racionais, uma passagem obscura, quiçá mesmo ilegível, para a qual não haja respaldo direto na tradição. A conjectura, outrossim, diz muito do estado de como o texto passou a ser lido e compreendido, e é, por isso mesmo, parte integrante da história de sua recepção ao longo das gerações de leitores e comentadores,

scheint. *śan-* *sec-* *θac-* sind die einfachsten Namensstämme” (Schulze, 1904, p. 341).

⁴³ Texto original: “We can account easily for the ending *-tra* in two groups of Etruscan word: 1. Greek names in *-δρα*, which are written in Etruscan with *-tra*, e.g. *Evávδρα* > *evantra*, *Kασσάνδρα* > *caṣṭra*, *caṣṭra*, *caṣṭra* [...]; 2. Etruscan gentilicia in *-ra* formed from individual names in *-t(V)*, e.g. *vetra-l* (gen.), *θactra*, *śetra*” (Watmough, 1992, p. 307).

⁴⁴ Texto original: “non si può nemmeno escludere la provenienza dall’Oriente” (Pugliarello, 2025).

acontecendo mesmo que uma conjectura proposta venha a ser validada apenas posteriormente em função de algum indício direto ou indireto que a corrobore (Havet, 1911, p. 17). Aliás, a tradição de um texto, ela própria, como dizia Havet (1911, p. 23, tradução própria), “é cheia de conjecturas [...]. Existe conjectura, por exemplo, toda vez que um copista ou um corretor tentou remediar um erro real ou aparente”⁴⁵ no modelo de onde copiava.

O caso se aplica bem ao *De gramm. et rhet.* 14.4, em que o arquétipo a partir do qual a tradição textual da obra teve origem poderia já ter apresentado, segundo Robinson (1920, p. 69, nota 77), a dupla variante *santya* e *satyra*, sendo esta (*satyra*) uma possível correção do próprio copista ou efetuada por uma segunda mão sobre a leitura que se fazia da passagem algo então ilegível com a lição *santya*.

Com isso, a conjectura do escriba estava justificada. No entanto, mesmo que se tenha dado ao texto uma lição legível, criou-se com ela uma dificuldade até então inexistente, que não passou despercebida a Aquiles Estaço ao propor, em seu comentário ao *De gramm. et rhet.* de 1565, que se lesse *Santra*. O humanista lusitano, porém, procedeu um tanto timidamente não só nessa, como também em outras passagens corrompidas do texto para as quais usou de sua perícia filológica. Com efeito, o texto impresso da edição de Estaço de 1565 manteve a lição vulgata *satyra*, relegando ao segundo plano do comentário as propostas e justificativas de correção⁴⁶ – que são, na verdade, breves apontamentos de leitura que Estaço fez acrescentar após cada capítulo do opúsculo de Suetônio.

⁴⁵ Original: “[La tradition] est pleine de conjectures [...]. Il y a conjecture, par exemple, toutes les fois qu’un copiste ou en correcteur a essayé de remédier à une faute réelle ou apparente” (Havet, 1911, p. 23).

⁴⁶ Estaço elaborou sua edição do *De gramm. et rhet.* com base em um impresso e dois códices manuscritos, o *cod. Vaticanus lat. 1518* [I] e o *cod. Vaticanus lat. 1862* [V] (cf. Roth, 1858, p. LII *praef.*, nota 30). O próprio Estaço faz remissão a isso em inúmeras passagens de seu comentário à obra, como, por exemplo, quando comenta a respeito dos títulos precedendo cada capítulo da obra de Suetônio, os quais se encontravam no impresso (*in v. imp.* [in veteri impresso]), mas não nos dois manuscritos Vaticanos (*in utroque Vaticano*) à sua disposição: “[De Cratete] In v. imp. Hi tituli nulli fuerunt, nec in utroque Vaticano” (Estaço, 1565, p. 2r).



Subsequente à edição de Estaço e a despeito de o seu comentário ter sido reproduzido em edições posteriores como parte da miscelânea crítica, a conjectura *Santra* permaneceu esquecida ou negligenciada até meados do século XIX. No entanto, sob os auspícios de Preller (1846), os editores de então – Osann (1854), Roth (1858) e Reifferscheid (1860) – substituíram no corpo do texto a vulgata *satyra* pela conjectura *Santra*. Pouco depois, em 1878, J. Huemer publicava sua colação do códice **W**, que apresentava a lição *santya*, a qual, por sua vez, oferecia à crítica um indício indireto e favorável para o recente reavivamento editorial da conjectura *Santra*, de Estaço.

O códice **W**, no entanto, apresenta uma dupla lição: *santya W¹*, *satyra W²*. Nesse manuscrito, uma correção de segunda mão (*satyra*) se encontra sobreescrita à de primeira mão *santya*, e é curioso notar como o leitor humanista anônimo do códice **W** efetuou, de certa forma também ele, uma conjectura de copista ou corretor, que por longo tempo fez fortuna nos manuscritos e nos impressos subsequentes à redescoberta e difusão no séc. XV do fragmento do *De gramm. et rhet.* de Suetônio.

Aceita, pois, a lição *Santra* não apenas como possível, mas como autêntica ao texto do *De gramm. et rhet.* 14.4, acrescenta-se um novo testemunho às fragmentadas e escassas informações que se têm a respeito de uma personalidade que, na antiguidade, parece ter gozado de prestígio entre os letreados, tanto como crítico e erudito (*grammaticus*) quanto como poeta. Santra, contudo, embora não tenha sido proscrito ao completo anonimato graças às referências que se têm dele preservadas, não foge à miríade de nomes que povoam os textos clássicos, dos quais não restam senão algumas poucas referências, lampejos efêmeros de seus méritos e talentos.

Referências

AULO GÉLIO. *A. Gelli Noctium Atticarum Libri XX*, recensuit Carolus Hosius. Editio stereotypa editionis prioris (MCMIII). Vol. 1–2. Stutgardiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1959.

BARDON, H. *La Littérature latine inconnue*. Tome I: L'Époque républicaine. Paris: Klincksieck, 1952.



BIBLIOTECA NAZIONALE CENTRALE DI ROMA. *Biblioteca Digitale*. Página inicial. Disponível em: <http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BIBLIOTECA NAZIONALE CENTRALE DI ROMA. Dettaglio manoscritto: Bellum Troianum; De vita Iulii Agricolae liber; De origine et moribus Germanorum, [s.d.]. Disponível em: http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/manoscrittoantico/BNCR_Ms_VE_1631/BNCR_Ms_VE_1631/1. Acesso em: 31 mar. 2025.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. *Gallica – Bibliothèque Numérique*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/html/accueil-fr>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BRUGNOLI, G. C. *Suetoni Tranquilli Praeter Caesarum Libros Reliquae. Pars prior. De grammaticis et rhetoribus*. 3. ed. Leipzig: B. G. Teubner, 1972.

BRUNET, J.-Ch. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Tome V. Paris: Firmin-Didot Frères, 1864.

CASAUBON, I. *Suetonii Tranquilli De XII Caesaribus Libri VIII. Eiusdem De inlustribus grammaticis et de claris rhetoribus*. Editio altera ab auctore emendata. Parisiis: Hieronymus Drouart, 1610.

DIGITAL VATICAN LIBRARY. *DigiVatLib*. Página inicial. Disponível em: <https://digi.vatlib.it>. Acesso em: 11 abr. 2025.

DIGITAL VATICAN LIBRARY. *Manuscript - Ott.lat.1455*, [s. d.]. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Ott.lat.1455. Acesso em: 11 abr. 2025.

ESTAÇO, A. C. *Suetonii Tranquilli Libri II de Inlustribus Grammaticis et Claris Rhetoribus, cum Achillis Stati Lusitani commentatione*. Romae: ex officina Vincentii Lucchinii, 1565.

FUNAIOLI, G. *Grammaticae Romanae Fragmenta*. Vol. prius. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1907.

FUNAIOLI, G. Due codici di Svetonio *De grammaticis et rhetoribus. Studi Italiani di Filologia Classica*, v. 17, Firenze, 1909, p. 265-283.

GOLBÉRY, P. *Suétone. Traduction Nouvelle*. Tome III. Paris: C. L. F. Panckoucke, 1833.

HAVET, L. *Manuel de critique verbale appliquée aux textes latins*. Paris: Hachette, 1911.



HUEMER, J. Über eine Wiener Handschrift zum *Dialogus* und zur *Germania* des Tacitus, und zu Suetons Fragment *De grammaticis et rhetoribus*. In: TOMASCHEK, K.; HARTEL, W.; SCHELK, K. (ed.). *Zeitschrift für die österreichischen Gymnasien*, v. 29. Vindobonae: Carl Gerold's Sohn, 1878. p. 801-813.

JERÔNIMO. *Hieronymi De viris inlustribus liber*. Ex recensione Guilelmi Herdingii. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1879.

KASTER, R. A. *Studies on the Text of Suetonius, De Grammaticis et Rhetoribus*. Atlanta: Scholars Press, 1992. (American Classical Studies, 28).

KASTER, R. A. *Suetonius: De Grammaticis et Rhetoribus. Introduction, translation and commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

KASTER, R. A. C. *Suetoni Tranquilli De Vita Caesarum Libri VIII et De Grammaticis et Rhetoribus Liber*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

KEIL, H. *Grammatici Latini ex recensione Henrici Keilii*. Lipsiae: B. G. Teubner, 1880. (Scriptores de Orthographia, v. 7.).

LEIDEN UNIVERSITY LIBRARIES. *Digital Collections*. Disponível em: <https://digitalcollections.universiteitleiden.nl>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MAGNALDI, G. Svetonio, Tacito e il codice Hersfeldense (I parte). *Prometheus*, v. 23, n. 2, p. 119-144, 1997. Disponível em: <https://oaj.fupress.net/index.php/prometheus/article/view/544>. Acesso em: 05 dez. 2025.

MARCIAL. *M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri*, recognovit W. Heraeus, editionem correctiorem curavit Iacobus Borovskij. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1982.

MAZZACANE, R. *Nonio Marcello, De coppendiosa doctrina, ll. I-III*. A cura di R. Mazzacane; con la collaborazione di E. Magioncalda; introduzione di P. Gatti. Firenze: SISMEL Edizioni del Galluzzo, 2014.

OSANN, F. C. *Suetonii Tranquilli De grammaticis et rhetoribus libelli ex eiusdem opere De viris illustribus superstites*. Gissae: [s. n.], 1854.

PRELLER, L. Vermischte Bemerkungen. *Zeitschrift für die Alterthumswissenschaft*, v. 4. Cassel: Theodor Fischer, 1846, p. 42-43.

PUGLIARELLO, M. Santra. *Grammarians and their Digital Sources*. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.58079/p457>. Acesso em: 31 mar. 2025.



QUINTILIANO. *M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Libri XII*, edidit Ludwig Radermacher. Vol. 1–2. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1965.

REIFFERSCHEID, A. C. *Suetoni Tranquilli praeter Caesarum Libros Reliquiae*, edidit Augustus Reifferscheid. Lipsiae: B. G. Teubner, 1860.

ROBINSON, R. P. *De fragmenti Suetoniani De grammaticis et rhetoribus codicum nexu et fide*. Dissertatio. Urbanae: University of Illinois, 1920.

ROBINSON, R. P. C. *Suetoni Tranquilli De Grammaticis et Rhetoribus*. Edidit, apparatu et commentario criticis instruxit Rodney Potter Robinson. Paris: Librairie Ancienne Edouard Champion, 1925.

ROTH, C. L. C. *Suetoni Tranquilli Quae Supersunt Omnia*. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1858.

SALAZAR, M. C. Los incunables de *De grammaticis et rhetoribus* de Suetonio conservados en bibliotecas españolas. In: RUIZ, I. (coord.); MARTÍNEZ, A.; MUÑOZ GARCÍA, M. T.; ORTIGOSA, I.; SAN JUAN MANSO, E. (eds.). *Estudios de Filología e Historia en honor del profesor Vitalino Valcárcel*, 2014. p. 199-206. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10261/279044>. Acesso em: 2 abr. 2025.

SCHILDIVS, J. C. *Suetonius Tranquillus et in eum commentarius*. Lugduni: ex officina Francisci Hackii, 1647.

SCHULZE, W. *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*. Abhandlungen der Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1904.

SOUBIRAN, J. Les débuts du trimètre tragique à Rome: I. Le fragment de l'Athamas d'Ennius. *Pallas*, v. 31, p. 83-96, 1984. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/palla_0031-0387_1984_num_31_1_1148. Acesso em: 26 nov. 2025.

VACHER, M. C. *Suétone, Grammairiens et rhéteurs: texte établi et traduit*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

WATMOUGH, M. M. *Studies in the Etruscan loanwords in Latin*. 1992. Tese (Doutorado em Letras) – University College London, Londres, 1992. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10121058>. Acesso em: 26 nov. 2025.